



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 23.4.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões do Gabinete da Reitoria

Entrevistado: Iaperí Soares de Araújo

Responsável pela transcrição: Lucila Barbalho Nascimento (bolsista)

Iaperí Soares de Araújo: [antes da abertura da sessão pelo Professor Carlos Gomes]. A Academia de Letras está fazendo uma memorialística. A gente fez o seguinte: cada membro da Academia escreveu basicamente sua história, uma biografiazinha, o currículo de cada um e no fim a bibliografia né?! E alguns trechos de textos de livro que ele publicou que ele bota, que ache que é importante. Aí eu fiz isso aí, um desses é essa memória que escrevi, memória universitária que eu conto tudo isso aqui que a gente vai conversar e um artigo que eu escrevi para o *Diário* quando completou 40 anos do Golpe de 64, o *Diário* fez uma matéria... e eu mandei um artigo chamado “Saíam todos, o DCE está fechado!”, mas eles não publicaram...

Carlos Gomes: É, é interessante! Eu também estou escrevendo um livro, esse...

Iaperí Soares de Araújo: Na última página, o senhor vê um negócio, outra coisa interessante, fotos da Faculdade de Medicina que foi no 5 de março de 64. Está Júlio Sambaqui, Djalma Maranhão, João Machado... ô a foto!

Carlos Gomes: Ahhh! Muito bem!

Iaperí Soares de Araújo: Doutor João Machado e Onofre Lopes. Eles estavam inaugurando o prédio, foi inaugurado dia 5 de março de 64. 26 dias depois estourou o Golpe.

Carlos Gomes: Agora, dessa história do Golpe o mais interessante foi o de Josemá. Ele foi para o Congresso né? Da UNE...

Iaperí Soares de Araújo: Da UNE.

Carlos Gomes: E quando o Congresso terminou no dia 31 de março de 64 e eles foram tomar o avião não sabiam de nada. Essa foi boa, viu?!

Iaperí Soares de Araújo: Foi.

Carlos Gomes: Pois é, isso é bom escrever...

Iaperí Soares de Araújo: Ah, isso é bom escrever...

Carlos Gomes: Tem os acervos publicados e não publicados, os não publicados são o melhores.

Iaperí Soares de Araújo: Eu sei que isso aqui não é pra revanchismo, mas é um período obscuro da História que a gente tem que esclarecer direitinho, né?! Pra saber tudo que aconteceu por aqui!

Kadma Maia: Já está gravando!

Carlos Gomes: Ah, já tá gravando?

Kadma Maia: Já!

[Inaudível]

Carlos Gomes: Então, seja bem-vindo, professor, e você tem conhecimento já da nossa missão não é?

Iaperí Soares de Araújo: Certo!

Carlos Gomes: É resgatar, do âmbito da Universidade, os acontecimentos que possam ter maculado os direitos das pessoas etc. Claro que muitos depoimentos aqui prestados transcenderam os limites né? Mas nós aqui não fazemos nenhuma censura, a pessoa diz se quiser.

Iaperí Soares de Araújo: Claro!

Carlos Gomes: Na hora de a gente coletar os dados, nós vamos colocar aquilo que interessar ao nome da Universidade, mas fica o documento gravado para a posteridade. Porque muitas pessoas vêm aqui e querem extravasar exatamente aquilo que sofreu, que estava contido, né? Então, aqui não há limite. A gente quer mais assuntos pertinentes à Universidade, mas não há limite.

Iaperí Soares de Araújo: Certo!

Carlos Gomes: Então, como nós estamos gravando, inicialmente, eu gostaria que o senhor fizesse a sua apresentação, dissesse quem o senhor é nesse contexto.

Iaperí Soares de Araújo: Certo! Bem, eu Iaperí Soares de Araújo, sou médico, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por concurso público nomeado dia 2 de janeiro de 1973, sou da nona turma de médicos lá da... a gente está agora na nonagésima oitava, eu não tenho 90 e poucos anos nas minhas costas não, de 70 e pouco, 80 e pouco foram duas turmas por ano, então cresceu o número de turma. A turma 100 entrou este ano no primeiro ano de medicina... a centésima turma de medicina. Eu entrei no vestibular de medicina em dezembro de 63 e eu comecei a cursar medicina no dia 5 de março de 1964, coincidentemente no mesmo dia foi a inauguração do prédio da Faculdade de Medicina, que uma coisa interessante é que o prédio vinha se arrastando há anos e anos. O engenheiro arquiteto na época era doutor Eudes Caldas Moura, professor de ortopedia, dublê de arquiteto.

Carlos Gomes: É.

Iaperí Soares de Araújo: Dizem que doutor Eudes não tinha feito a planta né? Ele era... “Mestre Fininho, construa essa parede aqui!”... no outro dizia: “O senhor fez errado, derruba tudo...”, então por isso que demorou anos e anos, porque a pedra fundamental foi colocada no dia 10 de dezembro de 1955 e só foi inaugurado em 64. Até então, essa Faculdade de Medicina funcionava no Anfiteatro da Maternidade Escola Januário Cicco, funcionava nas dependências do Hospital Miguel Couto, certo? E o Anfiteatro da Maternidade, que foi uma ampliação que o doutor Januário Cicco, que foi um homem de um visão muito de futuro, ele criou uma maternidade na época em que nem se falava em Escola de Medicina, mas com toda a estrutura pra ser uma faculdade. O Anfiteatro, o piso era diferente, a junção entre o piso e a parede tinha aquela curvatura para não juntar poeira. E as primeiras reuniões do Conselho Universitário foram no Anfiteatro da Maternidade, a Fundação da Faculdade de Engenharia foi no Anfiteatro da Maternidade, que funcionava como a sala de aula da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Foi criado em 24 de junho de 1958. Instalado oficialmente. Tudo bem. Eu vinha do Colégio Marista de Natal, que eu terminei em dezembro de 63, desde 62 eu trabalhava como editor e revisor do *Diário de Natal* e com 16 anos eu era editor e revisor, nacional e internacional, porque Luiz Maria Alves acreditava em mim e fazia cursinho de medicina pré-vestibular com Joel Dantas.

Carlos Gomes: Hum... me lembro.

Iaperí Soares de Araújo: Ali na Avenida Deodoro, professor autodidata, muito inteligente, era geólogo autodidata, um cara profundamente, ele diz: “você vai passar, você, você, você, você não” e acertava.

Carlos Gomes: Era Celso?

Iaperí Soares de Araújo: Celso Dantas Filho. Celso Dantas, o filho dele. Pois bem! Eu tinha...

Carlos Gomes: Ele fez um transplante de córnea, ele era quase cego...

Iaperí Soares de Araújo: Enxergava muito pouco. Luiz Maria Alves, eu era adolescente, ele me dava o direito, até hoje eu digo que Luiz Marinho Alves era doido, eu tinha o direito de parar o jornal porque como eu era o revisor, e por isso que eu hoje tenho uma visão muito treinada, eu fui a um Congresso acompanhado dele, quando eu sentei olhei pra mesa e disse “olha um erro de português”, uma faixa enorme com o nome do Congresso tinha um erro e a primeira vez que eu olhei eu vi, porque Luiz Maria Alves me treinou. Havia uns problemas no *Diário* que eram na revisão, era um diário todo feito a ferro, a chumbo, que era impresso em chumbo, aquelas fundidas em chumbo e as placas aqui e eles tiravam a prova e mandavam, eu olhava e fazia a revisão. E tinha acontecido há muitos anos antes, até eu nem existia, uma matéria que quando Silvio Pedroza assumiu o Governo foi visitar o túmulo de Dicé e saiu numa manchete do jornal “Governador ‘visita’ túmulo de Dicé”, no jargão policial visita com aspas significa roubar, então Seu Alves ficou danado da vida e disse: “Não, tem que ter um revisor final!”. Então ficava, terminava o trabalho do jornal impresso e eu ficava sentado esperando, aí quando vinha Seu Januário com a primeira parte dizia: “Tá aqui!”, aí eu olhava porque às vezes passava na revisão e quando eles ia fazer uma emenda já faziam outro erro. Às vezes um clichê saía de cabeça pra baixo... aí eu olhava e dizia “Pode ir!”. Então, depois que eu olhava e dizia “Pode ir!”, o jornal era impresso, mas era uma responsabilidade muito grande pra um adolescente porque eu podia levar a culpa de ter passado um erro na minha visão, né? Pois bem! E eu convivi no *Diário de Natal*, eu estou dizendo assim porque é pertinente até com a minha vivência dentro da Universidade, com homens fabulosos de cultura e de jornais da época, como Leonardo Bezerra.

Carlos Gomes: Ah, grande figura!

Iaperí Soares de Araújo: Que todo mundo sabe que era um homem que tinha umas ideias avançadas de esquerda, mas ele era um cabra tão inteligente que eu era um jovem e ele nunca me cooptou por ideia nenhuma. Então, o bureau dele era no final da redação, aí vinha Teodorico Bezerra; Dinarte Mariz batia papo com ele; ele e às vezes João Neto, João Felzmino, que era o secretário da redação, ele me dava toneladas de papel de telegrama pra eu redigir a matéria né? Aí dois dedinhos naquela máquina – teco, teco, teço –, aí Leonardo via minha dificuldade e dizia: “Peraí, deixe eu ver aqui. Assim, aqui você bote, essa aqui você não bote, isso aqui bote no lixo, é matéria desnecessária, você não vai ter o trabalho não”, mas isso me deu uma grande coisa, a facilidade de redação, eu tirei 10 em redação no vestibular.

Na minha turma só 2, eu e Sinedino, que é pediatra, tiramos um 10 em redação, porque eu tinha uma facilidade muito grande, eu redigia 60 a 70 notícias por dia no *Diário de Natal*. Pois bem! Eu fiz o vestibular, naquele tempo foram 209 candidatos, tinham 25 vagas, era quase um candidato para 25 vagas, né? Eram 20 vagas normalmente... e aí eu fui assistir, onde hoje... o prédio já estava funcionando lá, já tinha sido inaugurado, a leitura, e quando ouvi, me perdi, quando eu fui, era o vigésimo quinto. Então, fui o vigésimo quinto de medicina e quando começou o curso, doutor Onofre, o Ministro da Educação veio, Júlio Sambaqui, os alunos como Vivaldo Costa, que era mais adiantado do que a gente, ele estava no segundo ano, e era presidente do Diretório, foram ao Ministro e pediram pra ele aumentar o número de vagas e o Ministro disse: “Pode duplicar as vagas!”, que eram 25 pra 50, porque o Ministério já repassa o recurso para o Rio Grande do Norte. Doutor Onofre, como era muito sabido, ainda botou uns 4 ou 5, nós ficamos com 58 alunos de medicina, alguns se perderam e minhas turma terminou acho que com 52. E inclusive doutor Onofre fez uma coisa, foi quem mandou que todos os alunos que tivessem sido reprovados em uma matéria podiam entrar em medicina porque dava exatamente essa quantidade de 34, mais os 25 que tinha né, 59. É porque um passou em Alagoas e não quis ficar, então ficaram 58. E no meio do ano todos fizeram vestibular daquela matéria que tinham sido reprovados no vestibular e a gente entrou na Faculdade de Medicina, a faculdade nova, tinha sido recém-inaugurada e um certo dia primeiro de abril, até eu conto isso aí no memorial, chovia e nós chegamos na faculdade. Havia um aviso que estavam tentando depor o Prefeito de Natal, aliás, estava na aula de anatomia de doutor Iram e chegou Zé Arruda Fialho e Ginanni dizendo: “Olhe, estamos convidando a vocês porque tão querendo ir para a prefeitura porque estão tentando depor o Prefeito de Natal e lá estamos organizando um Palácio da Resistência”, a turma todinha, a maioria estava doida pra não ter aula, né? A gente vinha de um segundo grau mais ou menos maneiro e as aulas eram muito exigentes, né? Tinha muito nomezinho pra decorar. E a faculdade tinha uma coisa interessante que desapareceu, cada um tinha seu armário. Todos os alunos tinham um armário próprio... tinha número, eu tinha meu número tal, tinha minha chave, eu abria botava a bata, os livros pra não andar com a carga de livros, como hoje tem aquele pessoa que anda com a bolsa na costas, a gente não tinha. Aí, eu e Laine Rosado subimos, fomos botar a roupa no armário, quando chegamos não tinha nenhuma carona pra gente, a gente saiu andando da Faculdade de Medicina, onde hoje ela é na Nilo Peçanha, fomos no Restaurante Universitário, que é hoje aquele Edifício Deodoro, em frente ao Nordesteão, que era antigamente a AABB e era o DCE da Universidade. E era o Restaurante

Universitário, tinha uma radiola grandona, assim, pé de palito e estava sintonizado com a rádio Mayrink Veiga e a turma toda sentada escutando, né? Sim, porque a gente ia pra Prefeitura, né? A gente estava lá escutando e as rádios todas saindo do ar, a maioria tocando músicas marciais, banda marcial e só a Mayrink Veiga que dava notícia e na maioria das vezes a notícia era falaciosa, né? “O Governo tá reagindo”, “Goulart foi para o Rio Grande do Sul, vai fazer resistência” e a gente acreditando. Mais tarde chegou um tenente que era... alguns tinham feito NPOR, disse “Saíam todo mundo, retirem-se daqui! O DCE está fechado!”, a gente saiu, quando nós saímos ficamos espantados... tudo armado de metralhadora. Aí eu saí do Laíde pela Deodoro, lá na frente hoje é uma Igreja, uma casa bem bonita que é uma Igreja, não sei se é Apostólica, uma coisa assim, era a casa do tio de Laíde, Aldo Fernandes Raposo de Melo...

Carlos Gomes: Vizinho ao Colégio da Conceição.

Iaperí Soares de Araújo: Exatamente! Tio Aldo.

Carlos Gomes: Ainda tem a casa!

Iaperí Soares de Araújo: Tem a casa, a casa está lá. Aí ele era Cônsul Honorário no Chile, também não tinha a ver que a gente não sabia que existia asilo político, entramos lá e ficamos lá escutando as notícias do Golpe, depois Laíde morava perto do Marista, eu morava na Rua Açu, aí mais tarde saímos andando, fomos e pronto. E a memória, depois disso, a memória falha muito... eu não lembro o que aconteceu, a devassa que houve na faculdade, as prisões de Arruda, Ginani de Laly, certo? Não me lembro, até eu digo nesse documentário que é muito doloroso pra mim, de verdade, contar essa história porque a gente jovem a gente tinha um sonho, todo mundo sabe que a gente, que o jovem que... nós não tínhamos vinculação política com nada, eu exerci uma liderança de 6 anos de Faculdade de Medicina nunca tive vinculação com nenhum partido, nem legal, nem ilegal, nunca. E é isso que muitas vezes a gente sente-se maltratado porque imputavam a gente certas coisas que a gente não sabia. O que os movimentos políticos que teve no Sul do país ou até em Recife que teve, as torturas, não chegavam aqui, a gente parecia que estava amordaçado completamente. Então nós, eu fui para o Diretório de Medicina, durante 6 anos eu fiquei no Diretório, a gente organizava as festas de lá, quando o Regime tava todo repressor, quando começou a abrir um pouco foi em 67. Teve

o episódio dos excedentes de medicina, eu fui para o DCE, eu, Doutor Onofre, Geraldo Batista me convidou pra eu ficar como bolsista da Editora Universitária, que tinha sido recém-criada, porque eu, além de entender de gráfica que eu trabalhava em jornal, passei em medicina, eu pintava e eu fazia as capas, criei as capas de todos os livros de Cascudo, fiz revisão dos livros de Cascudo e eu ainda tinha bolsa de trabalho na reitoria. E a turma mais politicamente avançada tomou o DCE depois da Ditadura, que impôs interventores, a turma que era mais politizada assumiu a presidência do DCE e começou a fazer exigências, todas vinculadas a melhorias das condições da Universidade, quando estourou o Acordo... que começou a ser difundido isso. No Sul do país, os estudantes começaram a reclamar, nós também reclamamos e a repressão era grande, quero dizer que em algumas faculdades existiam pessoas que eram agentes do SNI, agentes de segurança, eram pessoas que fizeram o curso de NPOR, que é de Oficial da Reserva, na minha faculdade tinha um... não sei por que ele tinha ciúme de mim, por que era o famoso desenhista das aulas de Anatomia, o doutor Otto Júlio Marinho então fazia umas páginas grandes que ele pintava e todo mundo sabia que eu pintava também e ele sempre não gostava de mim, o nome dele era Ivan Benigno e Ivan, ele tinha uma... desenhos e às vezes a gente estava reunido no Diretório pra começar até a organizar uma festa, de vez em quando a gente flagrava ele deitado no chão com o ouvido debaixo da porta ou, na época da repressão em 68, ele ficava passeando pela minha rua no jipe... ia e vinha várias vezes, olhando se eu estava em casa. Com relação a isso, a gente fez greves, mas o que desencadeou o processo de politização da Universidade, com certeza, não foi o... foi o momento da questão dos excedentes. Os excedentes passaram, muitos alunos aqui não tinham vaga na faculdade e eles passaram, diferente daquela minha época, que a turma não tinha passado, tinham ficado devendo uma matéria, teve gente com zero na matéria de prova e a Universidade aproveitou, lá no passado, mais de 40 e eles começaram a fazer o apoio a eles, porque eles tinham direito, então a Universidade resolveu o problema deles, né? Porque o concurso tinha número de vagas, mas eles foram aprovados. E então a gente fez movimentação, passeata, a Polícia bateu na gente, jogava gás lacrimogênio, a gente chutava o gás, eles também não tinham máscara e gás. Eu sei que a gente fez uma passeata na Rio Branco, ali na altura da Livraria Universitária, subindo a Rio Branco... e eles ficaram, a Polícia Militar ficou em frente ao hoje CEFET, que era a antiga Escola Industrial, e eles todos com o cassetete, o pessoal vinha com os cassetetes que tinha sido torneados na Escola Industrial... de 1 metro e 40, de jacarandá, chega brilhava, eles fecharam a rua toda e vinham contra a gente, mas o vento vinha do mar, eles jogavam a bomba de gás lacrimogênio, a gente

sem máscara chutava em cima deles, o vento levava pra eles! Apanhavam nós e eles. E a gente então, depois disso, o Governo Federal extinguiu a UNE, que nós achávamos, não antes de extinguir a UNE, o seguinte, houve aquele Congresso de Viúna e nós escolhemos o representante de medicina, por sinal o mais estranho é que era um Sargento da Aeronáutica, João Maria Ruivo, mas ele estava tão calmo, educado, se ele tinha alguma ligação política...

Carlos Gomes: Ruivo, João Maria Ruivo.

Iaperí Soares de Araújo: Não sei, porque eu acho que ele era tão calmo. Podia ser que houvesse algum grupo que fosse politizado e ele foi e foi preso. Ele inclusive foi capa da revista *Veja* junto com José Bezerra Marinho, Marinho e Ruivo, Marinho era de direita e Ruivo de medicina estava em cima de uma caminhonete que aparece na capa da revista *Veja*, em cima do carro, na carroceria do carro. Mas o Governo Federal extinguiu a UNE, eu já era vice-presidente do DCE, lá na Central do DCE, a eleição do presidente fizeram como no Paraguai, eram partidos diferentes, né? Eu fui candidato a vice-presidente sem ter candidato a presidente e... que era de direita, eu acho, foi candidato a presidente e eu fui eleito como vice e ele como presidente. Não posso dizer que era da mesma corrente política minha, mas também não era adversário. E eu trabalhava na reitoria e Ivaldo tinha uma característica, ele não conseguia, não tinha movimentação política, ele não sabia fazer política. Então ele chegava no Conselho e dizia: “os senhores são todos analfabetos, imbecis”, então, doutor Onofre ficava apavorado com a presença de Ivaldo no Conselho, então esperava dar a hora, 9 horas: “cadê o representante do DCE? Então chame Iaperí que é o vice” e eu vinha, eu conhecia tudo, eu conhecia doutor Onofre que era uma pessoa que merecia o respeito e a consideração da gente estudante. Tem dois episódios interessantes porque a maior arma política dos estudantes era o trote do vestibular, geralmente era uma passeata que alunos expressavam em cartazes, em caracterizações, o desconforto que a Ditadura Militar causava a nós, quer dizer, todos os decretos... repressivo de não permitir que o aluno se manifestasse em nada e o ministro dizia “Estudante é para estudar!”, então a gente expressava isso no...

Carlos Gomes: No trote!

Iaperí Soares de Araújo: No trote, né? Meu trote foi muito politizado, porque ainda tava na Ditadura ou no Regime Democrático de 64... aquela coisa que do... estava muito presente. A

gente usava muito isso e doutor Onofre tinha muita preocupação, ele uma vez me chamou e disse “Olhe, vocês querem falar mal? Falem mal da Universidade, falem mal de mim, porque se vocês falarem de militares, vocês vão ser presos, vão apanhar e vai ser um constrangimento pra gente”. Fazia muito mais com a gente de medicina porque ele sempre teve um carinho maior por medicina porque foi a faculdade que ele fundou e um certo tempo a gente fez um trote pesado, aliás, todos os trotes na véspera do dia da hora de sair vinha o Delegado de Ordem Social, que era uma pessoa fabulosa, chamado Renan Diugo...

Carlos Gomes: Bigode que prende.

Iaperí Soares de Araújo: Bigode que prende. E a gente escondia todos os cartazes bem políticos por debaixo dos outros, que ele olhava por cima e dizia: “Pode sair!”, aí a gente colocava os cartazes piores, né? E doutor Onofre disse: “Faça crítica à Universidade! Se não vocês vão ser presos!”, aí nós fizemos um trote, me arrependo até o dia de hoje, pesadíssimo dizendo assim “O reitor” – porque isso ele disse uma vez na minha frente – “vai botar um mata burro na reitoria para os estudantes não entrar, mas ele também não sai”. Doutor Onofre disse no instante: “Eu vou murchar as orelhas e dou coice, se me encontrarem, eu murcho as orelhas e dou um coice!”, aí estavam tudo se preparando, na verdade, quem era o gênio fabricante era eu, né? Eu que tinha as ideias e pintava os cartazes, aí Júnior foi visitar... aí eu disfarcei, corri, vim pra Reitoria... “Doutor Onofre, Júnior esteve lá no diretório e ameaçou a gente, teve uma briga, puxou a arma, disse que ia matara a gente, por quê? O que é que o senhor disse a gente? Não fale mal do Governo porque vocês vão ser preso, pois nós falamos do senhor”, aí ele disse:

– Cavalcante! – era o chefe de Gabinete dele – ligue pra Júnior que venha pra cá!

Eu disse:

– Doutor Onofre, eu vou embora!

– Não, você vai ficar!

– Não, doutor Onofre, não vou ficar não!

– Fica!

E agora, Júnior me vê aqui vai dizer que eu tava dedurando ele. Fiquei numa cadeira ali, Júnior chegou, doutor Onofre disse “Júnior!”, Júnior já um véi de uns 40 anos, “Você foi incomodar os meninos de medicina? Júnior, olhe pra mim, Júnior! Não faça bico! Não faça

bico!” e Júnior com a cara de choro, aí eu digo parecia um menino de 6 aos e o pai dando carão nele... “Os meninos estavam fazendo o que eu mandei, os meninos podem fazer o que quiser! Eles podem fazer, você não se meta nisso!”. E eu... ainda bem que ele não me viu, não sabe que fui que fui levar a queixa ao reitor, porque a gente se sentiu constrangido. O Governo Federal resolveu criar um substituto da UNE, chamado Diretório Nacional de Estudantes, pegou um bocado de estudantes profissionais, vindos das Universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro e fundou e disse “Vamos instalar em Natal!”. Não deve ter havido alguma comunicação com os estudantes mais politizados do Sul do país de que nós fizemos um Movimento muito forte aqui em Natal pra não aceitar. Primeiro, nós procurávamos estudantes que chegavam de outros estados... acabaram com a UNE, tão fazendo um Diretório Nacional dos Estudantes, pelega do Ministério, vai ter um gabinete no prédio do Ministério da Educação e fomos convencendo. O Ministro Tarso Dutra, ele veio pra Natal, não conseguiu instalar o Diretório Nacional dos Estudantes, não conseguiu e acabou-se, foi toda uma luta dos estudantes. Na verdade... a nossa politização era muito mais em defesa dos direitos da Universidade, defendendo o direito dos estudantes, a gente nunca pregou luta armada, a gente nunca pregou enfrentamento com a Ditadura Militar, ao contrário, nós de medicina éramos até moderados, eu e Laíre Rosado, que foi Deputado Federal, marido da deputada Sandra Rosado, éramos moderadores. Quando os alunos iam fazer uma greve, invadir o Hospital, eu digo “não invada não, porque quem vai tomar conta? A gente, a gente não sabe fazer medicina não, senhor. Vamos fazer uma greve ao invés de invadir o hospital”. A gente fazia esse jogo dentro das lideranças políticas da Universidade. Nós tínhamos uns opositores ali no Diretório de medicina: tinha Jobel, que era... tinha Júlio Fantasma...

Carlos Gomes: Faria, né?

Iaperí Soares de Araújo: Hoje se chama Ramezoni.

Carlos Gomes: É. Ramezoni.

[Inaudível]

Iaperí Soares de Araújo: Tinha Francisco de Assis...

Carlos Gomes: Fernandes!

Iaperí Soares de Araújo: Não! Assis... era um altão, magro, que era adversário pesado da gente.

Carlos Gomes: Como era o nome de Ramezoni?

Iaperí Soares de Araújo: Júlio Batista Faria.

Carlos Gomes: Júlio, era.

Iaperí Soares de Araújo: E esse pessoal, mas eles nunca chegaram, assim, a delatar estudante. Eram adversários e faziam tudo pra contradizer, se a gente fazia um seminário sobre direitos políticos, sobre planejamento da família, eles faziam questão de boicotar, mas nunca teve enfrentamento político. A gente era meio, nós éramos meio avançados porque a gente chegou a se reunir uma vez pra acertar uma greve, na lagoa... vizinho ao quartel da polícia, né? Tudo uma peça que a gente fazia. Eu participei de um festival, a gente fazia os festivais de cultura universitária e todo ano a gente tinha que ir na Polícia Federal explicar tudo direitinho, pra ver. Eu fundei o Teatro Novo Universitário, doutor Onofre quando a gente foi falar, “Doutor Onofre, vou fundar o Teatro Universitário”, Doutor Onofre disse: “Não quero isso aqui! Porque por conta desse Teatro Universitário, eu respondi, quase que eu era preso”, eu disse: “Foi, doutor Onofre?”, ele disse “Foi, a peça Pedro...”, que era do CPC da UNE e que a Universidade na época era política de Governo, Ministério da Educação, os centros de política cultural da UNE e... Antônio Calado, a peça muito boa e a Universidade levou uma chamada porque apoiou esse movimento de cultura popular que a UNE estava fazendo. E eu fundei o Teatro Universitário com base, eu tive o atrevimento de, ainda em 66, dois anos depois do Golpe Militar, a gente fazer um show, tipo uma opinião, que foi fechado no Rio, show onde se cantava as músicas de protesto: de Edu Lobo, de João do Vale, Carcará. Foi no Auditório da Escola de Música, onde hoje é a Associação dos Plantadores de Cana, ali do lado do Palácio dos Esportes Djalma Maranhão. Pois bem, e depois nós encenamos uma peça, “As Troianas de Eurípedes”, em que a gente fez uma peça de vanguarda que ninguém estava vestido de roupa de grego, eram macacões amarelos e Cassandra, que era a sacerdotisa louca, ela usava uma tocha de fogo na mão, ela estava com... e o palco tinha um arame

farpado e um grande poema, a música foi de Joel Carvalho, que é físico, que era tocada com a bola de pingue-pongue e era um grande poema que tinha sido... e a gente fez o cenário começava no jardim, uma faixa dessa de publicidade só com texto da... que era muito avançada. Então começava, ia nos balcões do teatro, entrava dentro, ia nos balcões lá em cima e caía toneladas de faixa de pichação no palco e.... que era, assim, um homem profundamente de direita, mas... com o Teatro Alberto Maranhão, quando ele me disse: “Não pode, não pode, não pode. Tem uma determinação minha que ninguém pode botar faixas nos balcões!” e nós tivemos que tirar e colocar ali... pra gente dar explicação do porquê a gente fez aquilo. Eu participei dos festivais de música e teve uma música minha que eu boto nesse memorial, chamado “Cordão do verde-amarelo”... música tropicália não tinha nada demais, só dizendo que “no meu jardim tinha uma bananeira, que dava banana toda primavera, cada banana no seu peito encerra com os lírios da bandeira”, mas a bandeira eu dizia que era do pastoril, mas aí uma assessora federal disse: “não pode bandeira do Brasil!”, eu disse: “não é, está aqui viva o pastoril, não é uma bandeira”, vetada, foi vetada a minha música. E essas pequenas coisas foram acumulando. A gente tinha um jornalzinho de medicina, que era editado, mimeografado e eu escrevi um artigo científico e eu fui responder uns 3 ou 4 inquéritos policial militar no quartel da polícia e em uma dessas ações, não sei quem foi... eu fui... [interrupção devido à ligação da secretaria do entrevistado].

Carlos Gomes: Iaperí, antes de você continuar, você disse que não tinha filiação política.

Iaperí Soares de Araújo: Não.

Carlos Gomes: Nem ideológica?

Iaperí Soares de Araújo: Não, eu quero dizer o seguinte, uma vez, num depoimento que eu fiz, eu fui chamado no 16-RI pra prestar um depoimento e era o Major Lasmar, que era Capitão Lasmar que tava fazendo o inquérito e ele disse: “Você é direita ou esquerda?”. Eu disse: “Sei não senhor, sou discente!”, aliás ele foi até agressivo quando eu disse assim: “Olhe, quem deve gostar de país comunista devia ser os militares, porque é o país que é militarizado! Quem mantém as Ditaduras Militares comunistas são os militares não é o civil não”, não é o aparelho civil, porque a Ditadura Militar é mantida pela polícia. Pois bem, aí eu fui indiciado...

Carlos Gomes: Três a quatro inquéritos...

Iaperí Soares de Araújo: Além de responder a 3 ou 4 inquéritos, fui indiciado num deles. Não sei por quem e eu vou dizer depois o porquê. Aí eu fui responder, o sumário de culpa foi no 16-RI, onde nós ficávamos sentados e liam, liam, liam o depoimento e a gente podia contestar... E eu fiquei ouvindo atentamente o sumário de culpa de todo mundo e o meu não aparecia, era a coisa mais misteriosa do mundo. Eu abro só um parêntese e fecho, porque minha cabeça é muito boa de fechar parêntese. Depois que eu estava no último ano de medicina eu diminuí muito as atividades culturais porque é um tempo muito difícil pra gente de estágio e a Universidade pegou um diálogo da peça que eu montei e montou a peça “Molière”, “Tartufo de Molière”, que é uma coisa, uma gozação, 300 anos antes, mil seiscentos e pouco, sei lá a época, e eu estava lá em... pediram pra eu fazer um cartaz, eu nem fiz o cartaz, foi meu irmão Iraní que fez uma gravura e eu imprimi. Muito bem, aí eu volto e fecho o parêntese. Estava no depoimento, uma certa hora apareceu depoimento de Carlos Rios Mendes, professor da Faculdade de Farmácia: informa, por ouvir dizer, que Iaperí Araújo tentou dar um cunho subversivo ao “Tartufo de Molière”. Aí eu virei para o advogado: “Doutor Varela Barca, pergunte à testemunha se ele conhece o ‘Tartufo de Molière’?”. Aí ele: “O senhor conhece?”, ele “Não!”. Aí ele: “Ah, então está explicado porque não tem maneira nenhuma de você dar um cunho subversivo a uma peça de época, 200 ou 300 anos antes da atualidade”. Pois bem, mas de qualquer forma, eu fui indiciado, eu conto no meu depoimento aí que a primeira vez que eu viajei de avião, então eu sei o dia que eu viajei de avião na minha vida, fui pra Recife, para... Justiça Militar no Cais do Atol, mas José Marinho e eu, José Marinho com a perna engessada, não me lembro muito assim não. As coisas quando são mais antigas a gente... tinha impressão que eu tava muito pequeno perante aquele tribunal e o balcão aonde tava o juiz era muito alto, mais ou menos uns 2 metros de altura estava o juiz... lá em cima. Também não me lembro o que aconteceu, tento recordar, mas eu sei que nós passamos primeiro no General do 4º Exército e nós tivemos que fazer identificação criminal. Eu preenchi 10 fichas com 10 dedos, então foram 100 dedos que eu deixei presos no Quartel General do 4º Exército. Nós fomos lá e da turma, eu digo porque depois um colega que é da Paraíba mandou pra mim um recorte do jornal de lá, que eu fui absolvido. Isso em 67. Em 68, já faltando 3 meses pra eu terminar medicina, eu estava, mais ou menos uma hora dessa, na Editora Universitária mexendo lá nuns papéis e chegou Geraldo Batista, que era o diretor,

muito pálido assim e disse: “Iaperí, tem um pessoal da Policia Federal querendo falar com você aí?”. Assim, eu acabei a atividade política, a única atividade que eu tive associativa foi porque eram os jogos universitários, todos os anos ganhávamos os jogos universitários porque eu jogava em todas as posições, né? Esporte eu estava no meio, política eu estava no meio, cultura eu estava no meio, mas medicina nunca tinha ganho um desfile. E era o ano do 10º aniversário da Universidade e eu disse: “eu ganho”. A última coisa eu vou ganhar e eu estava de plantão no Hospital das Clínicas com a roupa de plantonista organizando como ia ser o desfile, peguei 10 bandeiras da Universidade, botamos na mão das acadêmicas, botamos os meninos tudo com a boininha verde... parecia Che, sabe?! Mas juro como não tinha referência a Che não... ganhamos o desfile, uma festa que terminou em tiroteio. Pedro Braga, irmão de Tereza Braga, deu um tiro em Zé Wilton Fernandes, que eu tinha dito... eu era dessa finura, tinha 53kg, mas tinha um poder de mando... “se alguém fizer alguma confusão vai ser suspenso do Diretório” e Zé Wilton, que morava no Restaurante Universitário, sempre brigado com Pedro Braga e Pedro Braga, se servindo, botava o prato e Zé Wilton pulava o prato e botava outro... aí vieram dizer a mim. Aí eu fui lá ver e já estava o confete lá, os dois brigando. Eu: “Vamos embora, querem brigar, vão brigar lá fora!”. Aí descemos lá pra aquela Cordeiro de Farias que era o portão, quando chegaram lá, fui eu e Alírio, que também era bem magrinho, só que Alírio... esses meninos brigando aí, aí eu agarrei Zé Wilton, que era mais forte e Alírio agarrou Pedro Braga, aí Zé Wilton era mais forte, se soltou, aproveitou que Pedro Braga estava preso, deu um murro, Pedro Braga sangrou aí foram embora para o Restaurante Universitário, Zé Wilton subiu, ficou lá em cima e ele chegou, deu um tiro que pegou nas costas dele. Eu já me perdi. Sim, a única associativa foi essa que eu participava... E não entendi porque chegou o cabra lá na Editora Universitária, dois caras da Polícia Federal, não sabiam, juro. Aí eu saí e: “Pois não!”. Eles: “Não, é porque o General quer falar com você!”, General Duque Estrada, vulgo... Pois bem, me botaram num rural “véia” azul e branca... o Quartel General era onde hoje é o Memorial Câmara Cascudo. Chegou, parou, nessa horinha mais ou menos, direto no Quartel do 16-RI, abriram a porta na guarita de entrada, aí o oficial chegou e o agente da federal disse: “É esse rapaz aqui”, pois não pode entrar. Eu entrei, olhei pra trás, tinha uma patrulha toda armada de metralhadora, saí andando no corredor, corredor, corredor, quando eu cheguei lá perto da... tinha uma placa assim escrito bem grande “Cadeia”, aí abriram a porta, eu entrei, fiquei lá, fui trancado e não me disseram nada. A cadeia tinha simplesmente uma cama de mais ou menos dois palmos do lado que era encostada na parede e dois palmos pra chegar na grade. Eu fiquei ali sexta, sábado, domingo,

não sabia de nada, por coincidência os oficiais eram tudo colegas meu do Marista, eles iam lá e perguntavam: “E aí, tudo bem?! Não estou sabendo de nada”. Aí, então, numa terça ou quarta-feira, acho que foi quarta-feira, chegou um oficial, uma pessoa muito educada, o Tenente Gaúcho, sentou-se na cama comigo e disse:

– Esse papel foi você quem escreveu?

Eu disse:

– Claro que foi, está aqui meu nome, Iaperí Araújo.

Ele disse:

– Isso aqui era um panfleto?

– Não tenente, isso aqui era uma página do jornal de medicina.

– Quando é que você escreveu?

– O ano passado a gente fez um jornal e eu escrevi um artigo dizendo “o Brasil está morrendo”, porque eu dizia que o ufanismo do Brasil campeão do mundo, da Miss Rainha do Universo e bebebebei, porque eu tava cursando a disciplina de... e a gente vê muito a questão sanitária e que o Brasil tinha campeonato de varíola não sei o que e no final eu botei assim *panis et circenses...*

Aí ele disse:

– O que é isso aqui?

– Não, isso aqui é um negócio de uma música de Caetano Veloso. Aí ele disse:

– Rapaz, é de lascar, foram deixar isso aqui no Quartel General dizendo que você tinha feito um panfleto pra jogar nas ruas.

Eu disse:

– Tenente, o senhor acha que eu não tinha juízo pra escrever um panfleto, assinar, pra jogar na rua?

Está certo, foi embora, não disse mais nada. Uns dois dias depois ele voltou e disse:

– Vamos embora, você comigo lá no RO...

Não me tratou mal de jeito nenhum. Aí chegou lá no RO, ele disse:

– Pode botar seu depoimento aqui. Está tudo bem?

– ‘Tá’!

– Tem mais alguma coisa a acrescentar?

– Não.

Ele mesmo que leu meu depoimento. “Então vamos, eu vou lhe deixar em casa”. Sim, aí ele disse:

– Foi o ano passado, o cara disse que foi esse ano, porque o ano passado você foi julgado e foi absolvido

– Não, isso era um jornal de medicina, a gente rodou, esqueceu, deve ter ficado lá a primeira página.

Pois Ivan Benigno...

Kadma Maia: Quer dizer que não foi veiculado esse jornal?

Iaperí Soares de Araújo: Não, a gente rodou 200. Rodava uma página e guardava lá na Secretaria da Faculdade de Medicina. Depois rodava mais um bocado e deixava lá. Quando completava, grampeava e distribuía. Do âmbito da Faculdade, que eram artigos que os alunos escreviam sobre medicina, história, algumas coisas que a gente escrevia, entendeu? Pois Ivan Benigno foi deixar no Gabinete do General Duque Estrada dizendo que era um panfleto e que ia ser distribuído.

Kadma Maia: Estava escrito como?

Iaperí Soares de Araújo: O Brasil está morrendo? Porque não era afirmativo, era perguntativo, né?

Kadma Maia: [Inaudível]

Iaperí Soares de Araújo: E depois disso, eu terminei medicina, comecei a residência na Januário Cicco, fui para Funasa, que era a antiga Fundação SESP, passei um ano em Currais Novos, trabalhei lá durante 1 ano lá, quando eu voltei fui para o Rio de Janeiro fazer residência em cirurgia plástica, estava lá quando o meu pai ligou dizendo que o Governador Cortez Pereira estava me chamando para eu assumir a Chefia de Planejamento da Secretaria de Saúde e Cortez me chamou, disse: “Olhe, comigo todo mundo tem que está preparado, você vai passar 4 meses no Recife, na Sudene, fazendo curso de Administração e Planejamento de Saúde”, então eu fiquei 4 meses em Recife fazendo isso, 8 horas, um porre, sabe? Desse que você tem uma máquina, seu instrumento é um lápis de grafite, uma borracha e uma máquina de somar. O tempo todo fazendo exercício de... era o antigo curso da... que teve gente aqui em Natal que fez e disse que formou-se em Economia, mesmo dentro dos 4 meses. Eu vim pra Secretaria, fiquei lá de 71 até o fim do Governo de Cortez em 74, eu tinha 23 anos, eu fui Subsecretário de Saúde, Coordenador Geral, Coordenador de Saúde dos Hospitais, quem foi primeiro Diretor da UNICAT que era sem... fui eu, Coordenador de Alimentação e Nutrição, todos os cargos, nunca pleiteei cargo nenhum, às vezes eu estava num maior, me botavam para um menor e eu ia, perdia dinheiro, mas não me incomodava. E como eu tinha uma mobilidade política muito grande, os prefeitos primeiro falavam comigo pra depois falar com o Secretario né? Porque aí o que é que o senhor quer? O município assim, assim. Não dá Hospital. Toda história ainda é pertinente. Não dá Hospital porque vão fazer uma arezinha assim. Cortez gostava muito do Secretario, o Secretario era Genivaldo, porque tudo que Cortez inventava, eu embarcava com ele. Ele dizia “Iaperi, quantos municípios do Rio Grande do Norte não tem Posto de Saúde?”. Eu digo: “20!”. Já no fim do Governo dele. Aí ele disse: “Vamos construir esses 20 postos?”. Eu disse: “Vamos embora!”. Foi pra Brasília, aí ligou, o Ministro era Almeida Machado, aí disse:

– Eu estou aqui com o ministro, quanto custa um posto?

Eu disse:

– Governador, deve custar uns 20 mil reais – naquele tempo eu não sei quanto era 20 mil cruzeiros.

– Ah, 40?! “Tá”, “ta” certo!

– Ministro, se o senhor me der 40 mil por cada posto, dá 160 mil, o Rio Grande do Norte vai ficar coberto, completamente, de postos de saúde.

Aí o ministro:

– “Tá” certo!

– O senhor dá 20 e o Estado dá 20.

Só que ele ganhou os 20. Chegou, aí disse:

– Iaperí, vamos de helicóptero visitar todos os municípios, você vai com o convênio e o dinheiro e o cheque e o gerente do Banco do Rio Grande do Norte vai com a mala pra trocar o cheque.

Então eu descia no município, o prefeito estava lá – “está aqui o Convênio” – assinou – “está aqui o cheque”. Eu dava o cheque ao gerente do banco e a gente fez todos os municípios do Rio Grande do Norte. Mas Cortez ganhou, pela inteligência dele, que ele chegou para o presidente e disse: “Eu tenho um auxiliar, que é uma pessoa muito inteligente, mas é um rapaz muito avoadado”, sim, porque Cortez tinha acabado de fazer um discurso dizendo que o Rio Grande do Norte em todos os municípios tinham médicos ou tinham posto de saúde, alguém contestou, um político desses, um deputado federal, ele disse: “Senhor presidente, esse meu auxiliar é uma pessoa muito boa, mas ele joga as informações e vai ficar chato pra Revolução eu ter dito ao senhor que todos os municípios tinham posto e não ter, então o senhor tem quem passe o dinheiro”. Foi esse valor e acabou tendo, então eu fui utilizado por isso.